

RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES APRESENTADAS NA
I REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE DE PSICOLOGIA DE
RIBEIRÃO PRETO

- OUTUBRO 1971 -

RIBEIRÃO PRETO

Medida da dificuldade de discriminação de sílabas formadas por consoantes simples e grupos consonantais usando o método de comparação com o modelo.

V.L.S. Machado e
L. Oliveira

Para uma medida da dificuldade de discriminação de sílabas formadas por consoantes e a vogal a e por grupos consonantais e a vogal a, no início da aquisição da leitura, 24 sujeitos (idade média 6 anos) foram submetidos a um procedimento de emparelhamento com o modelo (Matching to sample).

As sílabas eram apresentadas em diapositivos formados por uma parte superior (sílabas modelo) e cinco divisões na parte inferior, sendo delas ocupadas por uma sílaba semelhante ao modelo.

Através dos dados obtidos (tempo de latência e números de erros) - foi elaborado um índice de dificuldade que permitiu avaliar as diferenças na aquisição da discriminação de cada sílaba.

Os sujeitos foram divididos em três grupos para os quais houve variação na sequência de apresentação das sílabas. A análise estatística mostrou que esta variável interferiu na discriminação. Foi observado também, na distribuição das sílabas nas várias sequências, que os índices de dificuldade foram mais baixos para as sílabas formadas por grupos consonantais e a vogal a.

Esses três grupos submetidos às diferentes sequências de sílabas, - foram subdivididos em grupo reforçado e não reforçado. Para o grupo reforçado a escolha correta do sujeito (apertar o interruptor da sílaba correspondente ao modelo) era seguida pela apresentação do estímulo reforçador (uma ficha, que no final da sessão, poderia ser trocada por brinquedos ou doces). Para o grupo não reforçado, após cada resposta, correta ou não, havia somente a apresentação de um novo diapositivo.

A apresentação do estímulo reforçador teve influência significativa na demora para responder (latência) não alterando significativamente o número de respostas incorretas.

Os resultados sugerem a possibilidade de determinação de dificuldades das sílabas e de sua ordenação em um gradiente, além de sugerir a realização de outros estudos sobre os processos de aprendizagem envolvidos na aquisição da leitura.

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto

MELHORA DO RENDIMENTO ESCOLAR E DA SOCIALIZAÇÃO PELA DESENSITIZAÇÃO SISTEMÁTICA.

CLÁUDIA DE MORAES RÊGO

MYRIAN VALLIAS DE OLIVEIRA LIMA

OTÁVIO SOARES LEITE

Trata-se de um adolescente, de 16 anos de idade, no 1º ano do Curso Científico, apresentando problemas na área escolar, de relacionamento social e dificuldades na interação familiar: mãe super-protetora, pai artério-esclerótico e irmão mais jovem em tratamento neurológico. O exame psiquiátrico não revelou nenhum quadro psicótico. Os testes psicológicos, as entrevistas, indicaram uma inteligência superior e problemas na área de assertividade: timidez, insegurança, submissão, baixa agressividade. Apresentava sinais de forte ansiedade: sudorese no rosto e mãos, gagueira emocional. Seu campo de interesse era muito restrito e sua principal preocupação consistia em ser aprovado no Vestibular de Medicina.

Foi submetido à Terapia do Comportamento tendo sido usadas basicamente as técnicas de Desensitização Sistemática, de WOLPE, e treinamento das respostas assertivas. Para o relaxamento utilizou-se a técnica de JACOBSON, complementada pela de SHULZ. Foram definidos os seguintes objetivos: diminuir a timidez, a passividade, a inibição frente às figuras de autoridade, o medo de exames escolares, aumentar as atividades sociais e a iniciativa.

O tratamento se prolongou por 27 sessões. Foram levantadas três áreas ansiógenas: a escola, as relações sociais e o relacionamento familiar. A partir delas foram construídas três hierarquias básicas. A desensitização foi iniciada pela hierarquia "escola", por constituir não só o problema mais urgente para o cliente, mas também por ser a que gerava menor ansiedade.

O cliente recebeu alta sem que fosse necessária a apresentação das outras hierarquias. Com a diminuição da ansiedade com relação às provas, às figuras de autoridade representadas pelo professor, com o desenvolvimento de sua auto-estima, houve uma diminuição do poder eliciador de ansiedade dos estímulos sociais e familiares.

Atualmente o cliente se encontra em processo de follow-up. Não mais apresenta sudorese e gagueira, é o primeiro aluno da classe, tem atitudes assertivas em casa e na escola, frequenta reuniões sociais e namora.

Em relação ao ritmo da mudança, o grupo decrescente-10 seg, cada dois dias foi mais afetado do que o seu correspondente 5 seg. cada dia. O mesmo fenômeno ocorreu com os grupos decrescentes, à despeito da magnitude de supressão ser, em geral, menor para esses dois grupos.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

- (1) Pesquisa financiada pela FAPESP (processo Psicologia 69/650
- (2) Bolsistas da FAPESP (processo Psicologia 70/1501 e 70/934

A DETERMINAÇÃO DE CRITÉRIOS
EM PSICOLOGIA APLICADA.

JOSÉ AUGUSTO DELA COLETA

Este trabalho pretende analisar a importância da determinação de critérios válidos a serem usados nos estudos ergonômicos; na seleção, treinamento, e avaliação do pessoal, uma vez que, esses órgãos que tratam de problemas humanos nas organizações, comumente, carecem de aparato experimental para justificar seus procedimentos.

Para que as noções sejam mais concretas, demonstra, através de experiência concluída recentemente, a aplicabilidade da " técnica dos incidentes críticos" na determinação desses critérios.

ISOP

Efeitos de uma aproximação gradual a um estímulo de duração fixa no procedimento de supressão condicionada (1)

Susana L.S. Prado (2)

Maria Amélia Matos e

Anna Maria Musiello (2)

Em 1941, Estes e Skinner descreveram um programa experimental em que um choque elétrico (US), inevitável e ocasional, era precedido de um sinal aviso (CS) superimposto periodicamente a um esquema de reforçamento positivo. Observaram que o animal suprime quase que totalmente a resposta durante o estímulo sinal, apesar do reforço positivo permanecer acessível durante a sua apresentação. Esse fenômeno, conhecido como "supressão condicionada" (ou CER), foi estudado no presente trabalho procurando verificar os efeitos de uma aproximação gradual ao valor final de duração de um CS, que foi mantido fixo dentro da sessão. A aproximação gradual se deu tanto no sentido crescente, ou seja, aumentando-se progressivamente a duração do CS (0 a 60 seg.) como no sentido decrescente, ou seja, diminuindo-se progressivamente a duração do CS (60 a 0 seg.) O ritmo de acréscimos (ou decréscimos) do valor do CS variou, sendo que para dois grupos foi diário (5 seg.) e para os outros dois grupos cada dois dias (10 seg.).

Como sujeitos foram utilizados 12 ratos Wistar, albinos, machos, adultos, mantidos em 85% de seu peso ad lib, através da privação de água. Como equipamentos foram utilizadas 3 câmaras de condicionamento operante Scientific Prototype mod. A-100, SPC-300, equipadas com bebedouro Lehigh Valley mod. LVE-1351. Como CS foi utilizado um estímulo luminoso, e como US um choque de 112 V. CA, fornecido por um estimulador FULBEC mod. M-EP-01. Para controle e registro dos dados utilizou-se um conjunto de relés, interruptores, relógios elétricos, contadores Sodeco, programadores de fita Gerbrands e um registrador cumulativo Gerbrands, mod. C3.

Após estabilização da linha de base em VI-60 seg., os animais foram divididos em quatro grupos experimentais e submetidos respectivamente à fase de adaptação ao efeito incondicionado do CS e à fase de procedimento de CER. Nesta última fase dois grupos foram submetidos a durações crescentes de CS e dois grupos a durações decrescentes. Dentre os grupos crescentes, para um grupo o acréscimo foi diário e para o outro cada dois dias. Os mesmos ritmos foram programados para os grupos decrescentes. Uma vez atingido o valor final os valores de CS foram mantidos inalterados por mais oito sessões experimentais. Os resultados mostraram que os animais dos grupos de CS crescentes apresentaram maior supressão tanto na sessão quanto na razão de supressão, do que os dos grupos decrescentes.

EFEITOS DA ESTIMULAÇÃO DE MANIPULAÇÃO TÁTIL E DE CHOQUE ELÉTRICO PÓS DESMALE, NA ATIVIDADE DO RATO BRANCO

MARCIA REGINA BONFAGANBA

Foram divididos quinze ratos albinos, Wistar, machos em três grupos. Cada grupo recebeu um dos seguintes tratamentos após o desmame: manipulação tátil (G E₁), manipulação tátil e choque elétrico (G E₂) e nenhuma das duas estimulações (G. C.)

Foi medida a atividade do animal através do registro de frequências das respostas de levantar-se e de locomoção, antes do tratamento estimulatório, e em três épocas diferentes da vida do animal, - após tratamento estimulatório. A medida de atividade serviu para - verificar se os tratamentos administrados afetaram a atividade do rato e se esse possível efeito persistiria.

Não foi encontrada diferença significativa, ao nível de significância de 5%, entre as medidas de atividades tomadas antes e depois do tratamento, para nenhum dos três grupos. Apesar disso, comparando essas medidas, observou-se diminuição de frequência de atividade para G.C. e G. E₁ e aumento da frequência de atividade para G E₂, após os tratamentos administrados. A maior frequência de atividade para G.E₂ é relativa principalmente ao aumento das respostas de locomoção. Foi encontrada diferença significativa, ao nível de significância de 5% entre G E₁ e G E₂ na última medida de atividade obtida, não tendo sido encontrada diferença significativa entre os grupos nas outras - medidas de atividades.

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA DA F.F.C.L. de RIBEIRÃO PRETO.

EFEITO DA SUSPENSÃO DISCRIMINADA DA CONTINGÊNCIA DE REFORÇAMENTO (TIMEOUT) NA EXTINÇÃO DE UM OPERANTE.

EDNA MARIA MARTURANO

As propriedades aversivas de um período de suspensão discriminada da contingência de reforçamento (SDR) ou timeout foram demonstradas - em situação de esquiva (Ferster, 1960) e punição (Ferster & Appel, 1961). Leitenberg (1965) sugeriu que o efeito supressivo de SDR se - deve, não a propriedades aversivas do estímulo associado à suspensão da contingência, mas ao fato de que o não responder quando há probabilidade de que ocorra SDR resulta em maior densidade de reforçamento. O presente experimento teve por objetivo estudar o efeito da punição por SDR, sobre a extinção subsequente da resposta punida, utilizando um procedimento em que a densidade do reforçamento não era aumentada com a supressão da resposta.

Quatro crianças de oito anos, sexo masculino, foram treinadas a - apertar duas chaves, em um painel contendo uma lâmpada branca, uma - vermelha e uma verde. O estímulo reforçador usado foram fichas de pôquer, trocadas por brinquedos após cada sessão. O experimento se realizou em três fases: a) dois esquemas concorrentes de reforçamento em IV 1 min. corriam na chave da direita, um deles sinalizado pela luz branca, o outro pela luz vermelha. Uma razão de 20 respostas a chave da esquerda produzia passagem de um esquema para outro. A luz verde permanecia acesa durante a razão de 20 respostas à chave de alternância. Cada sessão era encerrada quando o S obtinha a 30a. ficha. b) Respostas à chave de reforçamento, durante a luz vermelha produziam reforçamento em esquema IV 1 min. e SDR de um minuto de duração em esquema IV 1 minuto. Respostas durante a luz branca produziam reforçamento do esquema IV 2 min. Dessa forma, o máximo de fichas que o S podia receber era igual nos dois esquemas. A sinalização de SDR consistia em apagar a luz vermelha. Cada sessão durava até o S - obter a 20a. ficha, recebendo mais 10 fichas no final da sessão. Isto foi feito de modo a compensar a diminuição na densidade de fichas disponíveis, da primeira para a segunda fase. c) As três luzes continuavam a se alternar, conforme o S respondia à chave de reforçamento ou à chave de alternância, porém as contingências de reforçamento e SDR foram removidas. As sessões de extinção tiveram duração de 25 minutos.

Os resultados mostraram que, com a introdução de SDR no esquema sinalizado pela luz vermelha, estabeleceu-se uma nítida preferência - pelo outro esquema. Durante a extinção, não houve qualquer diferença no responder à luz branca e à luz vermelha.

INSTITUTO DE CIÊNCIAS DE SÃO PAULO

COMPARAÇÃO DE DESEMPENHO DE
CRIANÇAS NUM CONJUNTO DE PRO-
VAS DE "CONSERVAÇÃO" E NUM
TREINO DE DISCRIMINAÇÃO CON-
DICIONAL.

LINO DE MACEDO e
ELZA MENDONÇA DE MACEDO

O objetivo deste estudo foi o de verificar o desempenho de sujeitos escolares num conjunto de provas de conservação e num treino de discriminação condicional. O "Concept Assessment Kit-Conservation" de Goldshmid e Bentler (1968) foi aplicado a 90 crianças pertencentes a um Grupo Escolar de Ribeirão Preto. Em seguida, 16 destes sujeitos foram emparelhados quanto ao sexo, idade, escolaridade e desempenho - (isto é, foi utilizado 8 Ss com 100% de respostas corretas e 8 com 100% de respostas incorretas). Em seguida, cada um dos sujeitos foi submetido a um treino de discriminação condicional que consistia na exposição de uma série de 120 cartões (Witter, 1969) apresentados duas vezes. Cada cartão continha três figura-círculo, quadrado e outra figura diferente das duas primeiras. Usando um procedimento de não correção, o treino implicou no seguinte: (a) discriminação do círculo; b) discriminação do quadrado e c) discriminação condicional. Em (a) escolhas do círculo na presença de lâmpada apagada eram reforçadas contingentemente com um "muito bem"; em (b) escolhas do quadrado na presença de uma lâmpada acesa eram reforçados contingentemente com um "muito bem"; em (c) as condições (a) e (b) eram apresentadas alternadamente. Os resultados percentuais encontrados foram os seguintes: o grupo com 100% de respostas incorretas nas provas de conservação obteve na tarefa de discriminação condicional - 49, 66, 60 e 70% (masculino) e 45, 54, 78 e 72% (feminino) de respostas corretas; por outro lado, o grupo com 100% de resposta corretas nas provas de conservação obteve na tarefa de discriminação condicional - 98, 78, 93 e 93% (masculino) e 86, 91, 92 e 91% (feminino) de respostas corretas. Estes resultados são discutidos em termos das relações observadas entre conservação e discriminação condicional (tal como medidas neste estudo); isto é, ser bem sucedido na prova de conservação, até certo ponto, implicou ser bem sucedido na tarefa de discriminação condicional e vice-versa.

Análise preliminar do comportamento mantido por um esquema conjugado intervalo-fixo, razão-fixa

Jôao Bosco Jardim Almeida

Dois ratos albinos, machos, Wistar, privados de água a 80% do peso - ad-lib, foram condicionados a apertar a barra numa câmara de condicionamento operante Scientific Prototype, equipada com isolamento acústico, e posteriormente mantidos num esquema de reforçamento em intervalo fixo de 2 minutos (FI 2) por 45 horas experimentais. O reforçamento foi programado com base no fim do intervalo precedente e constitui na liberação de 0,02 cc de leite em pó diluído em água açucarada, através de um bebedouro Lohigh Valley. Para controle das contingências e registro dos dados - utilizou-se um painel Grason Stadler, ligado a um conjunto de relés, contadores Sodeco, interruptor, e programadores de fita Gerbrands. Adquirida a estabilidade do comportamento no esquema FI 2, introduziu-se uma razão fixa de 10 respostas (FR 10), conjugada ao intervalo-fixo (conj FI 2 FR 10, por 36 horas experimentais.

Os resultados mostram que, após o período inicial da transição para o esquema conjugado, a frequência de respostas e a frequência de reforçamentos caíram para valores abaixo da linha de base em FI 2. Durante esse período, a maioria dos reforçamentos ocorreu através do componente FR do esquema conjugado. Subsequentemente, a frequência de respostas e a frequência de reforçamentos aumentaram progressivamente para ambos os animais, havendo um correspondente decréscimo na frequência de reforçamentos através do componente FR. Verificou-se ainda que a introdução da razão-fixa alterou o padrão de desempenho obtido no esquema FI simples. O aumento gradual na frequência de respostas ao longo do intervalo-fixo, foi substituído por um grupo de resposta emitidas depois da pausa de após reforçamento, numa frequência inicial mais alta do que aquela obtida no esquema FI. Houve ainda uma consistente tendência para aceleração negativa na porção final dos intervalos.

Universidade Federal de Minas Gerais

Trabalho realizado no Departamento de Psicologia Experimental da
Universidade de São Paulo

MODELAGEM DA RESPOSTA DE CONTATO VISUAL

Thereza Pontual de Lemos Mettel
Célia Maria Lana da Costa

Técnicas de condicionamento operante foram empregadas no tratamento de uma criança de 3 anos, sexo feminino, com distúrbios neurológicos e comportamentais, afetando as áreas de comunicação verbal e social. A fase de estudo do sujeito, com determinação de linha de base, constou de sessões de observação na clínica e em casa da criança. Na fase de treinamento foi programado um experimento com objetivo de desenvolver, na criança, responsividade e estímulos sociais, através de modelagem de uma resposta social básica, olhar nos olhos do experimentador, associada ao chamado nome. A resposta de contato visual foi reforçada com contingências alimentares emparelhadas com estímulos sociais. Em um segundo experimento, com objetivo de verificar a manutenção da resposta e o efeito das contingências sociais, a criança foi submetida a: a) condições de extinção, e b) apresentação de contingências sociais, sem o reforço primário. O presente trabalho teve duração de 8 meses e os resultados mostraram que a criança adquiriu o contato visual como resposta ao nome. O contato visual se manteve independentemente de contingências alimentares tendo a criança adquirido reforçadores sociais.

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - Universidade de São Paulo.
Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Modificação na amplitude de variação
de um CS de duração variável durante
CER. (1)

Ana Maria Musielo (2)

Maria Anélia Matos e

Susana L.S. Prado (2)

Um organismo que apresenta um comportamento estável para obtenção de reforço positivo, suprime este comportamento na presença de um estímulo sinal (CS) que precede um estímulo aversivo inevitável (US), apesar de - ser mantida a contingência resposta-reforço positivo durante as apre - sentações do CS. Este fenômeno, conhecido como supressão condicionada ou CER, foi estudado no presente trabalho utilizando-se um CS de duração - variável, cuja amplitude de variação foi modificada sistematicamente ao longo treino. Esta modificação foi realizada em dois sentidos: crescen - te, passando-se de uma pequena amplitude de variação (55-65 seg) para - uma grande amplitude (5-15 seg), com valor médio fixo de 60 seg., e de - crescente, no sentido inverso.

Como sujeitos foram utilizados 6 ratos Wistar, albinos, machos, a - dultos, mantidos em 85% de seu peso ad lib. através de privação de água. Como equipamento foram utilizados 3 câmaras de condicionamento operante Scientific Prototype mod. A-100, SPC-300, equipados com bebedouro Lehig Valley mod. LVE-1351. Como CS foi utilizado um estímulo luminoso, e com - mo UM um choque de 112 v CA, fornecido por um estimulador FUNBEC mod. M-EP-01. Para controle e registro dos dados utilizou-se um conjunto de relés, interruptores, relógios eletrônicos, contadores SODECO, programa - dores de fita Gerbrands e um registrador cumulativo Gerbrands, mod.C3.

Os animais foram divididos em dois grupos experimentais e, após es - tabelização da linha de base em VI-60 seg. e adaptação ao efeito incond - dicionado do CS, foram submetidos ao procedimento de CER. Para um dos - grupos, a amplitude de variação foi aumentada sistematicamente de 10 - seg. a cada dois dias; para o outro, foi reduzida na mesma proporção e ritmo. Uma vez atingido o valor final (amplitude máxima para o grupo - crescente, e mínimo para o grupo decrescente), os valores do CS foram - mantidos inalterados por mais 10 sessões experimentais. Os dados obti - dos mostraram que, para os dois grupos, não houve efeito supressivo du - rante o CS em nenhum momento do treino em CER, indicando que este, pos - sivelmente, é um bom método para se introduzir um estímulo aversivo su - pressivo sem se obterem seus efeitos de supressão.

Universidade de São Paulo

(1) Pesquisa financiada pela FAPESP (processo Psicologia 69/650)

(2) Bolsistas da FAPESP (processo Psicologia 70/1501 e 70/934)

As modificações introduzidas na câmara experimental, envolveram a redução de um terço do comprimento da câmara pela introdução de uma parte metálica paralela à parede em que esta inserida a barra e o aumento - dessa barra que passou a ter 8 cm de comprimento por 1 cm de diâmetro.

Como estímulo aversivo incondicionado (US) foi usado um choque - produzido por um estimulador modelo FURBEC que fornecia 295 volts AC e com 0,5 seg. de duração. Como Estímulo sinalizador do choque (CS) foi - usada uma luz de 15 watts A.C.

Precedendo ao treino de esquiva, todos os sujeitos, indistintamente foram submetidos a uma sessão de modelagem da resposta de pressão à - barra por aproximações sucessivas e reforçamento de 100 resposta em um esquema de reforçamento contínuo de uma sessão de CRF com 30 minutos de duração. Nestas sessões usou-se água como estímulo reforçador - para aquela resposta.

Em seguida os sujeitos foram divididos randomicamente em três grupos experimentais, com dois sujeitos cada um, e submetidos a um procedimento de esquiva sinalizada. O fator divergente de grupo para grupo foi a duração do intervalo CS-US que foi de 5, 10, 15 seg. , contados desde o começo da apresentação da luz até o começo da apresentação do choque. O intervalo entre tentativas, definido como o intervalo de tempo entre o término da resposta de esquiva ou do US, até a apresentação do CS subsequente, foi variável, mantendo-se, porém, constante o intervalo entre apresentações do choque (30 segundos). Portanto na tentativa em que não ocorriam respostas de esquiva o intervalo entre tentativas era de 25, 20 e 15 segundos, respectivamente, conforme a duração do CS, e naquela em que a resposta de esquiva era limitada, sua duração variava em função da latência daquela resposta.

A resposta de esquiva desligava imediatamente o CS e impedia a ocorrência do choque.

Os resultados obtidos neste experimento indicaram que tanto em relação a estabilidade da resposta de esquiva quanto em relação a rapidez da aquisição dessa resposta não houve diferenças entre os grupos com diferentes duração do CS. Quanto as latências da resposta de esquiva observou-se uma tendência de todos os sujeitos responderem prontamente - quando da apresentação do CS. Os grupos com CS de 5 e 10 segundos apresentaram uma latência relativamente curta (ao redor de 3 seg.) enquanto que para o grupo de 15 seg. as latências variaram ao redor de 6 seg.

Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Ribeirão Preto

Pesquisa realizada no Depto de Psicologia Experimental da USP.

Durante a modelagem, choques foram apresentados a cada 0,5 seg. (pulsos de 35 seg, de duração) com intensidade gradativamente crescente até um máximo de 10 ma. Respostas consideradas como aproximação ao disco tiveram como consequência imediata a redução brusca da intensidade do choque para zero a um período de 15 seg. sem choque. A partir da emissão da primeira resposta de bicar o disco o intervalo sem choque foi aumentado para 30,0 seg. Com a modelagem, choques passaram a ser apresentados a cada 2,0 seg. (intervalo SS), com intensidade de 10 ma, e resposta de bicar tinham como consequência programada a posição de choque por um período de 30,0 seg. (intervalo RS).

Numa segunda fase do experimento, foram investigados os efeitos de diferentes valores de duração do intervalo RS sobre a frequência da resposta de bicar e porcentagem de choques evitados. Com o intervalo SS e demais condições de duração e intensidade do choque elétrico mantidas constantes, o intervalo RS foi manipulado nos seguintes valores e ordem: 30,0 , 10,0 , 15,0 , 40,0 e 5.0 seg.

A terceira fase experimental consistiu na manipulação da duração do intervalo SS, mantendo-se constantes o intervalo RS, duração e intensidade do choque. Os valores estabelecidos foram: 15.0, 10.0, 5.0, 2.0, 1.0 e 0.5 seg.

Os dados obtidos com a manipulação do intervalo RS confirmam resultados demonstrados com outros organismos, indicando uma relação inversa entre duração e intervalo RS e frequência de emissão da resposta de bicar. Com a manipulação do intervalo SS também foi possível observar funções inversas entre duração do intervalo frequência da resposta de bicar e porcentagem de choques evitados.

Departamento de Neuropsiquiatria e Psicologia Médica
Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto - USP

ESQUIVA DISCRIMINADA:

UM ESTUDO DE VARIÁVEIS TEMPORAIS

Maria Aparecida Cória

Usando-se ratos albinos como sujeitos, em uma situação de esquiva sinalizada em esquema de atraso, procura-se estudar os efeitos de diferentes durações do intervalo CS-US na aquisição de uma resposta de esquiva, mantendo-se, porém, constantes o número de tentativas por sessão e a densidade de choque.

Como equipamento foi utilizado, neste estudo, uma câmara de condicionamento operante mod. PUNBEC modificada.

COMPORTAMENTO COMPARÁVEL-DEPENDENTE EM LABIRINTO

Erb Luis Lente Cruz

Seis ratos albinos machos, wistar, ingênuos, com 120 dias de idade no início do experimento, mantidos a 85% de seu peso ad-lib, através de controle de água, foram colocados dois a dois em um labirinto em T elevado. Um líder foi modelado a escolher o braço direito e o outro, o lado esquerdo. Os seguidores foram submetidos a 10 tentativas diárias. O reforçamento proporcionado aos animais consistia de uma gota de água, depositada em bebedouros.

O experimento constou de 4 fases: a) treino dos líderes; b) treino dos seguidores, onde o reforçamento era entregue contingente à mesma escolha do líder; c) treino de indicio incidental (estímulo luminoso), com reforçamento para qualquer escolha e d) treino de aprendizagem do indicio incidental, sem o líder presente, e em extinção.

Os resultados mostraram, para os seguidores que chegaram a aprender a resposta de ultrapassar o ponto de escolha, que o líder tornou-se um estímulo discriminativo. O teste de aprendizagem do indicio incidental revelou que os seguidores continuaram a emitir, consistentemente, respostas opostas ao indicio incidental. Os resultados obtidos concordam com outros estudos anteriormente.

Universidade de São Paulo

ESQUIVA NÃO SINALIZADA EM POMBOS:
PARÂMETROS NA MODELAGEM E NA MANUTENÇÃO DA RESPOSTAS DE BICAR.

J.C. Todorov

Elonice A. M. Ferrari e

Deisy G. de Souza

Para a investigação da respostas de bicar emitida por pombos em um procedimento de esquiva não sinalizada, foram utilizados quatro pombos machos, adultos, com água e alimentação à vontade, e sem experiência prévia em procedimentos experimentais.

O estabelecimento da resposta de bicar um disco, através de um procedimento de reforçamento negativo, foi possível com o uso de uma técnica de modelagem baseada na descrita por Hineline e Rachlin (1969).

EFETOS DA DEPRESSÃO ALSTRANTE DA ÁREA SEPTAL SOBRE O COMPORTAMENTO NO RATO ALBINO.

Luiz S.M. Barreto

Pretende-se estudar os efeitos comportamentais da depressão alastrante da área septal em ratos albinos. Para isso, foram escolhidas duas formas de avaliação do comportamento; o nível de reatividade emocional e a porcentagem de respostas "corretas" numa situação de esquiiva ativa sinalizada (tipo plataforma). Os animais são treinados inicialmente na gaiola experimental até atingirem um critério de 90% de respostas de esquiiva, sendo submetidos a seguir à implantação de cânulas intra-cerebrais dirigidas à área septal. Após uma fase de re-treino da resposta, os animais são testados na gaiola experimental (situação de esquiiva) imediatamente após injeções de KCl 25% e NAC 0,9%. O nível de reatividade emocional é medido diariamente ao longo de todo o experimento, com o objetivo de servir como controle de possíveis lesões septais.

O trabalho está em desenvolvimento, sendo que os resultados parciais mostram uma queda no desempenho de esquiiva nos animais sob o efeito da depressão alastrante, efeito plenamente reversível que parece variar em função da localização da cânula injetora. O nível de reatividade emocional tem mantido valores estáveis, nos animais testados.

Departamento de Fisiologia da Faculdade de
Medicina de Ribeirão Preto.

ESTABELECIMENTO E MANUTENÇÃO DE UMA
RESPOSTA MOTORA EM ESQUEMA DE RAZÃO
FIXA EM ADOLESCENTE EXCEPCIONAL.

Geraldina Porto Witter e
Marly Lima

Várias técnicas de reforço têm sido usadas para estabelecer, manter e modificar o comportamento de excepcionais. O presente relato diz respeito ao estabelecimento e manutenção de uma resposta motora útil usando-se o esquema de razão fixa.

Sujeito: A.J.C. com treze anos de idade cronológica é aluno interno em uma escola para excepcionais dependentes, estando em tratamento desde os três anos de idade. Anteriormente foi operado duas vezes para alcoolização dos núcleos amigdalóides, dos dois lados, e submetido a tratamento de convulsão. Apresenta déficit de respostas em várias áreas. No nível motor embora tenha frequentado várias escolas anteriormente até o presente como resposta útil apresentava apenas a de auto-alimentação. Ele apresentava um comportamento hiperativo, balançando o braço e pulando a maior parte do tempo. Está recebendo simultaneamente um treino de condicionamento verbal.

Procedimento: Foi definida como resposta a ser reforçada o segurar a vassoura e usá-la convenientemente (resposta de varrer). Como reforço foram usados vários tipos de alimento (frutas e bolachas). Foi escolhida uma área livre, cimentada da escola como área de treino. Durante o período de treino esta área ficava livre apenas para uso do sujeito e dois experimentadores. A resposta de varrer foi modelada gradativamente através de instruções verbais e apresentação de um modelo, sendo reforçada inicialmente em CRF e passando-se progressivamente para razões maiores até 20:1.

Resultado: Obteve-se um resultado típico de treinamento em razão fixa e o comportamento manteve-se estável.

Universidade de São Paulo

ELIMINAÇÃO DE COMPORTAMENTO DE
"BERRA" EM EXCEPCIONAL.

Ailton Imélio da Silva
Marly Lima

Estudo de caso

Um dos maiores problemas na área de educação de crianças excepcionais consiste na eliminação de comportamentos inadequados. A

Na literatura sobre o assunto há alguns de eliminação de "birra". O presente relato diz respeito a um caso deste tipo, em que o procedimento de extinção foi usado, contando-se para tanto com a colaboração dos funcionários onde foi conduzida a pesquisa.

Sujeito: M.C. é uma adolescente com 16 anos, frequentando regime de semi-internato numa escola para excepcionais dependentes. Apresenta uma grande frequência de resposta como: auto-agressão, agressão física aos outros e destruição de móveis e objetos, que para efeito do presente relato ficam incluídos na expressão "comportamento de birra".

Procedimento: Treinou-se o pessoal da instituição para registro das respostas e os mesmos receberam instruções de como proceder para fazer a extinção do comportamento. Para efeito de avaliação do nível operante de comportamentos de birra foi feito o registro de ocorrência do mesmo durante seis dias, após o que se começou a fazer a extinção, tendo-se feito um estudo de acompanhamento por 80 dias úteis, uma vez que o sujeito não fica na escola no fim de semana.

Resultados: Houve uma grande redução na emissão deste comportamento, caindo de uma média diária de 17,6 episódios por dia, no nível operante para 3,3 no período de extinção. Observou-se durante o período de extinção o efeito de variáveis, tais como: mudança orientadora educacional, internamento por uma semana na escola, e constipação intestinal por oito dias.

Universidade de São Paulo.

RESTABELECIMENTO DE COMPORTAMENTO VERBAL EM CRIANÇA EXCEPCIONAL.

Ailton Amélio da Silva e
Anamaria Castro Affeche

Estudo do Caso

O comportamento é de suma importância para o desenvolvimento de outras formas de resposta, daí o empenho dos psicólogos em conhecer as variáveis que controlam esta resposta. Na área de crianças com grandes déficits de resposta, inclusive do nível verbal, várias tentativas e técnicas de modificações de comportamento tem sido usadas. O presente relatório apresenta o trabalho que vem sendo conduzido no sentido de restabelecimento de comportamento verbal em adolescente.

Sujeito: J.A.C. é uma adolescente com idade cronológica de 13 anos, residente numa escola para deficientes intelectuais dependentes, em tratamento desde os três anos de idade, tendo sido operado duas vezes para ablação dos núcleos amigdalóides, dos dois lados e submetido anteriormente a tratamento de convulsão. Segundo informação dos

país falou normalmente até os três anos de idade, quando passou a apresentar desvio de comportamento. Passou por várias escolas antes da atual. Apresentava no início do trabalho uma série de sons e palavras, mas não contingentes à realidade. A maior parte de um repertório verbal era constituído por sílabas sem sentido.

Procedimento: Foram realizadas 3 sessões para estabelecimento do nível operante, tendo-se constatado que a maior parte dos sons emitidos era pouco diferenciada. Passou-se a seguir a fases sucessivas de modelagem, reforçando-se inicialmente a emissão de sons articulados (sílabas) e palavras mesmo sem estarem elas sob controle de contingências específicas. Para obter controle sobre a emissão de respostas verbais contingentes, passou-se a fazer uma série de sessões com imitações generalizadas indo de resposta motoras a respostas verbais. O reforço utilizado constitui-se no alimento apresentado nas refeições usuais que serviram como sessão experimental.

Resultados: Constatou-se um progresso em termos de número de emissão e variação de respostas verbais, bem como no nível de imitação das respostas motoras e verbais.

Universidade de São Paulo

EFEITO DO TREINO EM OUVIR ESTÓRIAS NA RETENÇÃO.

Geralcina Porto Witter (1)
Maria Aparecida Martins Costa e
Rose Mary Marcondes Fonseca
Guinha Luíza de Oliveira e
Eulália Naimôni Faria (2)

O objetivo da presente pesquisa foi verificar o efeito do treino em ouvir histórias gravadas sobre a retenção e erros cometidos durante o relato de histórias ouvidas por crianças.

Sujeitos- Serviram de sujeitos 40 crianças, sendo 20 de cada sexo, com idade variando entre seis e seis anos e meio, cursando as classes pré-primárias da Escola Primária Vocacional "Carrem Madsaroto".

Material - Foi usado um gravador de fita para a apresentação das histórias-estímulos.

Procedimento - Foram elaboradas 50 histórias, das quais quatro juízes selecionaram 14 para serem usadas como histórias-estímulo.

Destas, foram sorteadas ao caso duas, para medida do nível operante e duas para medir a influência do treino; as demais (10) foram usadas para treino. A ordem de apresentação das histórias foi aleatorizada. A primeira sessão foi usada para medida do nível operante. A criança ouvia as instruções e, em seguida, a primeira história que devia ser reproduzida oralmente pelo sujeito (por ela); em seguida, ao mesmo era feito com a segunda história. A fase de treino ficou constituída por duas sessões de treino coletivo, sendo que em cada uma delas eram apresentadas (5) cinco histórias. Os sujeitos apenas ouviam as histórias. A fase seguinte foi individual e adotou-se igual procedimento da fase de nível operante com outras histórias.

Resultados - Foram comparados os resultados da primeira com a última fase, em termos de respostas corretas, acréscimos, trocas e omissões. As respostas foram avaliadas por dois juizes e feito um estudo de correlação entre eles.

(1) da Universidade de São Paulo

(2) da Escola Primária Vocacional "Carmem Massaroto" de Ribeirão Preto.

==== ***** =====

EXPECTATIVAS DE PROFESSORES E DIRETORES DE ESCOLAS PRIMÁRIAS QUANTO ÀS FUNÇÕES DO PSICÓLOGO ESCOLAR.

Vera Lúcia Sobral Machado

Elza Mendonça de Macedo

1- Introdução

Embora as funções do psicólogo escolar tenham se diferenciado bastante nos últimos anos, elas não estão, ainda, bem definidas.

No Brasil a profissão de Psicólogo Escolar é quase inexistente, todavia é inegável que, como país em desenvolvimento, apresenta problemas semelhantes aos que existem na vida escolar nos outros países.

Assim considerou-se oportuna uma pesquisa para fazer o levantamento de opiniões de professores e diretores de escolas primárias, quanto a quais seriam as funções do Psicólogo Escolar e em quais problemas considerariam a ajuda do mesmo de valia para eles.

2- Sujeitos

Foi sorteada uma amostra de 79 sujeitos constituída de 64 professores do sexo feminino e 15 diretores sendo 6 do sexo masculino e 9 do sexo feminino, dentre todos os professores e diretores primários da cidade de Ribeirão Preto.

3- Instrumento

Foi utilizada uma técnica de entrevista segundo um roteiro pré - esboçado.

Na entrevista além dos dados para caracterização dos sujeitos explorou-se sua experiência de vida e suas expectativas em relação a - Psicologia Escolar.

4- Resultados

A análise dos dados foi feita em função das variáveis: tipo de formação profissional (escola oficial ou particular), anos de experiências e classe de idade dos sujeitos.

Verificou-se diferenças em função destas variáveis . Por exemplo: quanto ao tipo de trabalho esperado que o Psicólogo Escolar realizasse o maior índice entre os que tiveram formação em escola oficial está na função de resolver problemas da criança (26%) seguindo-se a função de psicometrista (11%). Entre os de formação em escola particular a função mais esperada é a de orientador (26%), vindo em seguida a função de clínico (25%).

5- Discussão

Os dados são discutidos em termos de influência distintas sofridas por estes profissionais durante seis anos de formação e vida profissional.

F.F.C.L. de Ribeirão Preto

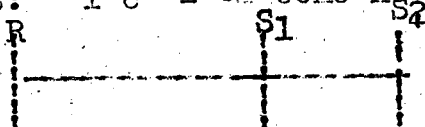
NOTA PRÉVIA SOBRE ESQUIVA DE SIDMAN
SINALIZADA EM POMBS

Antonio Bento A. de Moraes
João Claudio Todorov

Dois pombos foram modelados a bicar um disco sob estimulação aversiva (choques elétricos). As respostas dos sujeitos (bicar o disco) adiavam a estimulação aversiva por um período especificado de tempo.

A técnica de modelagem usada foi a descrita por Ferrari, Todorov e Graeff (1971) e tem demonstrado ser altamente eficiente.

Os sujeitos foram inicialmente submetidos a um esquema de esquiva não discriminada, cujos parâmetros temporais foram : o intervalo - choque-choque (S2 S2) igual a 2 segundos e o intervalo resposta-choque (RS2) igual a 17 segundos. Após termos conseguido uma estabilidade de respostas sob esse esquema, o intervalo RS2 foi dividido em dois intervalos: RS1 e S1 S2 como no esquema sendo que cada um



dos intervalos passou a ser sinalização diferente.

R S₁ = luz amarela

S₁ S₂ = luz vermelha

O objetivo do nosso trabalho é verificar as alterações que a introdução de estímulos exteroceptivos possam provocar na frequência de respostas, mantida em um procedimento padrão de esquiva não sinalizada, em pombos. A duração do intervalo R S₁ será manipulada e as variações resultantes na taxa de respostas e na porcentagem de choques recebidos serão estudadas comparativamente.

Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo
